

Patativa do Assaré: memória e poética

Gilmar de Carvalho
Universidade Federal do Ceará

Falar da capacidade de rememoração de Patativa associa-se ao prodigioso. Evoca o jovem espanhol, de 21 anos, que era capaz, em 1446, de recitar de cor a Bíblia inteira, Nicolas de Lyre, os escritos de Santo Tomás, Alexander of Hales, Boaventura, Duns Scot e muitos outros... mas é verdade, apenas uma parte de Aristóteles!

A dúvida que ficava era se a inspiração vinha de Deus ou do diabo.

O processamento das artes mnemotécnicas, sistematizadas por Simônides, encontra no teatro da memória de Camillo, nos esquemas de Raymond Lulle, nos “secrets” de Giordano Bruno e nas propostas de Fludd, exemplos apresentados por Frances A. Yates, uma tradição iniciática e também uma maneira de compreender o mundo e não apenas de enunciá-lo aos jorros de uma acumulação privilegiada.

Patativa sabe de cor seus poemas. E os recita com prazer, nos momentos em que é chamado a performatizar. É quando sua voz anasalada se emposta como a do contador que ele foi e o corpo franzino assume as proporções de mito. O poema é ele todo, perfazendo-se por meio de várias linguagens.

Mas Patativa é também a esfinge que ganha tempo, durante as entrevistas declamando poemas. Pode-se falar num estratagema para evitar questões polêmicas, fugir das tensões e tomar, ele próprio, o rumo da conversa que teria seguido por atalhos muitas vezes incômodos. E ele chega a se irritar se o gravador for desligado ou se o seu interlocutor insistir numa pergunta.

Por conta de uma pretensa objetividade jornalística, pretendemos arrancar de Patativa o máximo de informações. É a falsa idéia da produtividade. Mas o que ele tem a dizer está na verdade nos poemas. E cada vez que ele diz é diferente, é um

outro poema. Falta-nos sensibilidade para compreender que a voz do recitante atualiza o poema por um momento. Estamos longe de compreender que este é o livro de sua memória, como dizia Zunthor.

Patativa incorpora a afirmativa de Funes, o memorioso, de Borges, para quem o pensado uma só vez já não se lhe podia apagar.

Sua capacidade de retenção é fabulosa. E relaciona-se, intimamente, com sua maneira de criar. Daí a facilidade deste fluxo. Onde a escrita, como dizia outra vez Zunthor, relaciona-se ao poder e a voz à transmissão viva do saber.

Quem lê ou quem ouve Patativa compreende porque a voz poética é memória. Ou invertendo os termos da premissa, porque a memória se sustenta, aqui, na voz poética. É sua dicção que compõe a tessitura de suas lembranças pessoais que, por sua vez, atuam, como dizia Halbwachs, como um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Patativa é maior porque sua dimensão é épica. Não a poesia dos grandes feitos heróicos, dos mitos fundantes ou dos gestos memoráveis, mas de um cotidiano que assume essa conotação na aceitação e valoração de um povo, a sua gente.

De que outra maneira justificar a força de sua voz, a amplidão do que enuncia e o inaugural subjacente a verdades que parecem estabelecidas e arcaicas como todo o saber que se define como tradicional?

Este agricultor sertanejo tem a força de um oráculo. Ele não é só porta-voz, mas a própria voz da comunidade e elemento de sua coesão.

Patativa trabalha o verso com a paciência e determinação com que prepara o chão. Ele descreve seu processo: “toda vida eu criei assim na imaginação. Fazia na minha mente, pensava a história, aquele quadro, aí eu ia contar ele todo em verso, com toda a espontaneidade, com toda graça”.

Mas é sobre a estruturação do poema, de como ele se encaixa e ganha forma que vale a pena comentar, porque

relacionado outra vez com uma memória que é relembração: “pensava na mente. Aí eu ia reproduzir em versos e guardado na mente, ficando retido na memória. Depois de tudo, se tivesse onde publicar, eu mandava bater à máquina ou, no tempo que eu escrevia, eu mesmo escrevia com minha letra”.

Os impasses do poeta eram resolvidos nesta etapa. Tudo feito na cabeça sem a necessidade do retoque.

A espontaneidade a que ele se refere é aparente. Inegável que sua sensibilidade, a indignação diante das injustiças sociais, a fluência para encontrar uma tradução poética para o que de outro modo seria apenas mais um discurso panfletário, atingem em Patativa uma culminância que fazem dele uma espécie única.

Mas para chegar a este refinamento, ele foi um leitor “assíduo, cuidadoso e curioso para saber das coisas”. Suas leituras vão dos poemas românticos às composições em linguagem cabocla de um Zé da Luz ou Catulo da Paixão Cearense. Para não deixar de falar num tratado de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos. O que o leva a ter consciência de que seu antológico “Purgatório, Inferno e Paraíso” tem a mesma cadência de “as armas e os barões assinalados”.

Uma memória que não está centrada apenas em suas recordações pessoais, mas como que retoma e reatualiza uma tradição. É onde fica bem claro que se trata de algo mais que uma simples memorização.

Os poemas de Patativa se perdem nas vigílias sertanejas. Nas longas conversas nos terreiros, nas reminiscências de um pai que gostava de poesia e que teria escrito na dedicatória de um livro que deu ao amigo uma estrofe que oitenta anos depois Patativa ainda diz com emoção. Seus poemas se constroem a partir dos violeiros que passam pelos sítios da serra de Santana, como menestrelis medievais transplantados para outras andanças e outras performances.

A partir de todas estas informações ele sintetiza tudo com seu sentimento do mundo baseado na doutrina cristã e na

emoção derramada como sol e contida como água escassa mesmo na paradisíaca serra de Santana.

O que parece prevalecer é a autoria definida, o que contraria a norma do anonimato da produção popular.

Mas as raízes de Patativa são outras. Não vai ser no cancionero indo-europeu que ele vai buscar a inspiração para seus poemas. Passa ao longo dos ciclos arturiano e carolíngio, não tem maiores afinidades com o que se convencionou chamar de literatura de cordel, embora tenha escrito e publicado cerca de uma dúzia de folhetos. Muito mais por insistência do editor José Bernardo da Silva, a quem ele presenteou alguns originais, como “Abílio e o cachorro Jupi” e “Aladim e a lâmpada maravilhosa”.

A escrita não é fundamental para Patativa. Porque não cumpre seu papel de contraponto à fragilidade da memória humana, outra vez segundo Zumthor. Ele tem consciência de que é um privilegiado: *“eu tenho até um verso sobre o gravador... Não é porque eu tenho uma memória, modéstia a parte, é uma coisa quase como que rara. Porque eu nunca encontrei quem tivesse a memória o quanto eu tenho, tive. Hoje em dia, um homem com 87 anos...”*

O registro em livro veio muito depois. Foi posterior à fama que correu o sertão, valorizando a produção de Patativa, fazendo com que aparecessem outros patativas. Até que ele tivesse que assumir que era o de Assaré, como uma marca.

Interessante que ele tenha passado pelos meios massivos, antes de ter seu trabalho publicado. A idéia do livro parecia um sonho. As apresentações na rádio Araripe eram freqüentes, quando ia ao Crato. Foi assim que José Arraes de Alencar, que tomou a iniciativa da publicação de “Inspiração Nordestina”, teve contato com a obra de Patativa.

O livro lhe assegurou um poder. Servia para as pessoas que estavam privadas de sua performance. Vieram outros, como “Cante lá que eu conto cá”, “Ispinho e Fulô” e “Aqui tem coisa”, onde no prefácio eu chamo a atenção para as marcas do oral no impresso. A hipótese era de que o cantador que ele foi asseguraria a agilidade, a musicalidade e a contundência de um

repente ou de uma peleja travada consigo mesmo. Patativa como um violeiro a capela.

Ele contesta e coloca a experiência de contar ao som da viola como algo prazeroso, mas que alternava com sua criação principal. Os poemas que compõe desde jovem. E que podem ser caboclos ou, na observância dos cânones, eruditos, o que mais uma vez ressalta seu talento e versatilidade de poeta e não de “versejador”, como ele rotula aqueles que “não têm criatividade”. Como poeta ele cria tudo em sua imaginação e bate “sempre em cheio na vida real”.

Pode-se dizer que as marcas do impresso também impregnam uma oralidade fluente como um curso permanente de água que, paradoxalmente, não corre em sua serra de Santana, que forneceu o barro de onde foram modelados o agricultor e o poeta.

Patativa não tem a memória frágil, como a maioria dos homens. O livro veio para que sua obra pudesse ultrapassar os cem anos, que é o tempo, de acordo com Guénée, das lembranças individuais. Então Patativa poderia ser uma matriz a direcionar criações futuras, a semente de novos poemas, um Patativa que superaria a litania de seu cantochão para se transformar numa polifonia de variantes, no emaranhado de um “corpus” do que seria uma “memória popular”. Muito mais que uma coleção de “lembranças folclóricas”, como assegurava o medievalista Paul Zumthor. Neste outro contexto, a reprodução substituiria a produção.

E uma das características da poética de Patativa é que ela não é glosada ou fragmentada. Os versos não são destacados de seu contexto para se transformarem em motes ou frases de efeito. É como se ele fosse citado e a referência implicasse numa necessidade de busca das fontes impressas dos registros fonográficos ou da própria presença, da força de sua performance. Instante em que ele reatualiza a voz, sob a inspiração da memória e reforça a autoridade desta voz.

A memória em Patativa se acentua no caráter lothmanino de preservação dos textos de cultura. É o que faz

Patativa. Muito antes do modismo em que se transformou o discurso ecológico, ele cantava sua terra. Sua poesia é visceralmente ligada ao que vivenciou. Está impregnada de natureza, com o compromisso de quem sempre esteve em profunda comunhão com a terra. O paraíso da serra de Santana, a visão que poderia ser idílica é contaminada pela questão da terra, pelas inclemências das secas, em suma, por tinturas realistas que evitam qualquer pieguice e dão a grandeza do que ele canta.

O pássaro que se transformou em seu epíteto é uma metáfora de como contar é natural.

Memória é cultura, disse Lotman. Cultura em Patativa não se opõe a natura. A oposição consciente se dá em relação ao que não é natural: desigualdades, injustiça, opressão. Esta é sua não-cultura. Com o que é natural, ele se integra e faz disso matéria-prima para seus poemas. Que soam verdadeiros porque coerentes com a vida que leva, com as opções que fez, com sua visão de um mundo solidário e justo.

A terra de Patativa é “naturá”. Ele também é natureza. E sua voz é ancestral na enunciação de um mundo que existe. Ele não nomeia, ele reforça e acentua o desequilíbrio que não deve existir no que é natural como a patativa que gorjeia.

Sua memória não é apenas sua. Ela se perde, se sobrepõe, se cola, se projeta para o futuro e mergulha em direção a um passado. É nesta síntese que sua dicção se atualiza.

Patativa é Antônio Gonçalves da Silva. Poesia em estado puro. O que ele diz não pode ser resumido, o que é uma das características do fazer poético segundo Eco. O que muitos rotulam como popular seria melhor definido como clássico. Patativa é nossa memória e nosso cantor maior, inaugural e definitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Editora Abril, 1972.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LOTMAN, Iuri. A estrutura do texto artístico. Lisboa: Estampa, 1978.

PIRES FERREIRA, Jerusa. “Cultura é Memória”, in: Revista USP n 24. São Paulo: USP, 1994/1995.

YATES, Frances A. L’art de la mémoire. Paris: Gallimard, 1992.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.